

## PREFÁCIO AO LIVRO: SERVIÇO SOCIAL E HABITAÇÃO: REQUISIÇÕES E RESPOSTAS PROFISSIONAIS EM TEMPOS DE DESMONTE DE DIREITOS E DE RESISTÊNCIAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

A questão não é “se haverá ruptura ou não”, mas “através de que meios [...] A resposta dependerá de nosso sucesso ou fracasso na criação dos necessários movimentos estratégicos, e instrumentos capazes de assegurar uma efetiva transição para uma sociedade socialista, na qual a “humanidade possa encontrar a unidade que necessita para a sua simples sobrevivência”<sup>1</sup>.

Tem se socializado cada vez mais uma produção de conhecimento oriunda de núcleos e grupos de pesquisas e de eventos sobre temas significativos à profissão e à sociedade, como a coletânea que o leitor tem em mãos. Resultado do “II Seminário Habitação na Amazônia e Seminário Nacional Serviço Social e Habitação: requisições e respostas profissionais em tempos de desmonte de direitos e de resistências dos movimentos sociais”, realizado em dezembro de 2021, promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Cidade, Habitação e Espaço Humano (GEP-CIHAB)/Programa de Pós-Graduação em Serviço Social/UFPA em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Movimentos Sociais/Nemos, do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC/SP e com o Conselho Regional de Serviço Social 1ª. Região (CRESS-PA), a coletânea retrata o árduo trabalho coletivo (sempre mais difícil de se conduzir, mas, também, o mais prazeroso), e, especialmente, atesta os fecundos resultados deste processo.

Aliando dois temas dos mais importantes e instigantes: a questão da habitação e as demandas e respostas da profissão diante delas, a coletânea que ora se apresenta vem adensar o debate e a produção de conhecimento da área e mostrar o grau de amadurecimento que a pesquisa no Serviço Social alcançou, o que lhe possibilita oferecer aportes a áreas do conhecimento que lhe sejam afins.

Há que se reconhecer no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFPA, (espaço em que também fui formada quando realizei minha especialização em Metodologia do Serviço Social em meados dos anos de 1980 e no qual, atualmente, insiro-me na condição de professora colaboradora), um reduto do pensamento crítico sobre o tema. Podemos lembrar aqui de pesquisadoras que inauguram o debate no Serviço Social brasileiro, tais como as profas. Dras. Maria Elvira Rocha de Sá (UFPA), Maria de Fátima Cabral Gomes e Maria Helena Rauta Ramos (ambas da UFRJ) e outras que podemos considerar da segunda geração de pesquisadoras/es sobre o tema: o Prof. Dr. Perci Coelho de Souza (UNB), as profas. Dras. Joana Valente, Nadia Fialho (da UFPA), Rosangela Paz, a nossa inesquecível Dirce Koga (ambas da PUC-SP), dentre outras intelectuais, algumas das quais abrilhantam esta coletânea. É nessa direção que a obra mostra o legado de ambas as gerações, vez que não contempla apenas os principais conteúdos das conferências centrais e mesas temáticas, o que já seria uma enorme contribuição, mas, com grande acerto, brinda-nos com as comunicações apresentadas por novos/as protagonistas, o que podemos considerar como futuras gerações e, aqui, temos como resultado uma pequena amostra do “estado da arte” e do potencial de desenvolvimento do tema na produção do Serviço Social

---

<sup>1</sup> MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 984).

brasileiro. Com isso, a obra em questão traz o mérito de articular uma constelação de autores/as com distintos níveis de contribuição ao debate, o que atesta que os núcleos de estudos, enquanto espaços de produção e socialização do conhecimento, constituem-se em fecundos ambientes de formação de pesquisadores/as sobre o tema. Assim, a coletânea cumpre o objetivo de promover a difusão de uma rica produção que vem adensando o debate crítico sobre o tema nas ciências humanas, sociais e sociais aplicadas.

Mas para além de nos apresentar profundas e profícuas reflexões sobre temas necessários, de estabelecer as imprescindíveis relações com o trabalho e a formação profissional, brindando-nos com discussões originais sobre o tema, a coletânea tem, ainda, a meu ver, outro aspecto a ser destacado: é a sua fundamentação calcada na teoria social de Marx e no seu método crítico-dialético, bem como na tradição marxista, fundamentando-se em autores clássicos como K. Marx e F. Engels, G. Lukács, H. Lefebvre, D. Harvey, F. Fernandes, O. Ianni, dentre outros.

Desde o início, observa-se a determinação do método de Marx no que se refere à análise na perspectiva de totalidade, vez que aponta as mediações entre a questão urbana e habitacional, questão social e questão agrária, a intrínseca relação campo-cidade e a produção de conhecimentos do Serviço Social em relação a questões agrária, urbana, ambiental tratadas como unidade do diverso. É a perspectiva de totalidade o fio que costura toda arquitetura do texto dando unidade ao mesmo. Com esta perspectiva, o debate do Serviço Social se destaca e se fortalece, pois, como bem observa Sant'Ana em artigo da coletânea:

O grande desafio posto ao serviço social, portanto, é garantir que na produção do conhecimento e na formação em âmbito de graduação e da pós-graduação a perspectiva de totalidade de maneira a apreender as particularidades que compõem o urbano, o rural e ambiental como componentes da questão social e, que são decorrentes dos embates do capital com os sujeitos coletivos e movimentos sociais que disputam não só o direito a terra, mas também o direito à vida (Sant'Ana, 2023).

Como se pode constatar na primeira parte da obra, composta pelas conferências que atestam a expertise de seus autores, a abordagem numa perspectiva de totalidade vem agregada à explicitação das contradições. Não casualmente os textos desvelam os fundamentos que constituem a lógica explicativa (ou o modo de ser) da “questão habitacional” como parte da “questão social”, com suas particularidades como campo nos quais residem as mediações que estabelecem articulações para acima e para baixo, ou seja, com determinações universais e singulares. Sem dúvida que a perspectiva de totalidade na abordagem do tema permite interpretar a crise estrutural do capital e sua incontrolável tendência autodestrutiva do humano e do meio ambiente; as consequências das formas que o capitalismo adota para controlar a tendência de queda da taxa de lucro, tais como o processo de financeirização; a inserção subordinada do Brasil no processo de mundialização, as políticas ultraneoliberais, como determinações estruturais explicativas da conjuntura agravada por um (des)governo que tudo fez para criar ou aproveitar as oportunidades de “passar a boiada” com o fito de garantir interesses do grande capital nacional e internacional do agronegócio, das indústrias de mineração, do garimpo ilegal, da

extração predatória de biomas, dentre tantos outros interesses em voga. A mercantilização da terra urbana e rural, a privatização dos espaços públicos, são vícios históricos que caracterizam a nossa sociedade: é comum no Brasil que “os donos do poder” sejam também “donos dos espaços geopolíticos”, (lembremo-nos das capitâneas hereditárias), com suas diferenças territoriais abissais, o que forja na questão habitacional indelével marcas das nossas históricas formas de desigualdade.

Mas a abordagem de totalidade dos processos sociais macroscópicos não basta se não houver a intencionalidade e o esforço de buscar as mediações com o trabalho profissional, procedimento ainda pouco usual nas produções da profissão, ainda que se trate de profissão de inegável dimensão interventiva, muito bem contemplada nos artigos que compõem a segunda parte da coletânea.

É o que considero ser seu especial mérito: a coletânea traz subjacente o debate dos fundamentos no Serviço Social e, por meio de mediações e sistemas de mediações, conecta a temática mais geral com os principais dilemas da profissão, trazendo aportes significativos às dimensões teórico-metodológicas, ético-políticas e técnico-operativas do trabalho profissional, aliadas às dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão na formação profissional. Nesta direção, a coletânea se fundamenta na unidade diversa entre trabalho e formação, como disposto nas nossas Diretrizes Curriculares, enquanto um veio analítico indispensável à construção de respostas profissionais individuais e coletivas às requisições na área da habitação, que como complexo de complexos é abordada na sua inteireza.

Com isso, os/as leitores/as irão notar a intrínseca articulação entre a primeira e a segunda parte, expressando aí, também, a perspectiva de totalidade que estrutura o livro.

À modo de relatos de experiências, profissionais dão visibilidade aos seus cotidianos como espaços contraditórios e reafirmam a necessária unidade entre a formulação, o monitoramento e a execução da política social habitacional, as lutas sociais e as experiências organizativas dos movimentos sociais que, nos diferentes territórios no Brasil, produzem resistências. A tais experiências, frutos de aproximações inéditas e parciais de inequívoca importância que indicam os aspectos que necessitam de aprofundamentos, agregam-se as pautas da profissão na defesa dos direitos de trabalhadores/as, mulheres, negros/as, povos originários, da juventude, da diversidade sexual.

A coletânea é publicada em momento mais do que oportuno. No Brasil, a crise sanitária da covid-19 não gerou, mas aprofundou as desigualdades sociais, escancarou as contradições viscerais do capitalismo, aprofundou e complexificou a crise do capital expressa nos números do desemprego e, conseqüentemente, no aumento da população famélica e sem moradia.

De acordo com os dados da Fundação João Pinheiro, no ano base de 2019, o déficit habitacional em todo o Brasil estava em 5,8 milhões de moradias. É inegável que a questão habitacional no Brasil não se caracteriza apenas pelo seu déficit, mas tem inúmeras determinações. O país tem quase 35 milhões de pessoas sem acesso à água tratada, 100 milhões sem coleta de esgotos (representando 47,6% da população) e somente 46% dos esgotos produzidos no país são tratados. Isso significa que, para além da conjuntura pandêmica, as precárias condições de moradia favorecem todo tipo de doenças e impedem sua prevenção.

Nota-se, pois, que pandemia escancarou a verdadeira situação do saneamento básico no Brasil, onde quase metade da população continua sem acesso a sistemas de

esgotamento sanitário, com destaque para a população mais vulnerável: indígenas, quilombolas, migrantes e refugiados, pessoas em situação de rua, moradores de favelas, comunidades ribeirinhas e periféricas.

Também nessa questão, registram-se as assimetrias territoriais: a população atendida com coleta de esgoto em melhores condições é de 95,5%, enquanto nas piores é de 31,8%, conforme a pesquisa do Instituto Trata Brasil, apresentada por sua presidente-executiva, Luana Pretto<sup>2</sup>. As assimetrias entre as regiões geográficas colocam a região Norte em último lugar e a região Sudeste em primeiro. Somente para ilustrar, a cidade de Belém está em 5º lugar entre as 20 cidades com pior índice de saneamento básico e a 96ª posição no ranking que indica saneamento básico em 100 cidades brasileiras.

Um relatório preliminar do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostra que a população em situação de rua no Brasil aumentou 38% no período de 2019 a 2022. A estimativa calcula que 281.472 pessoas em todo o país vivem atualmente nessas condições e, desde o ano de 2012, o número cresceu 212%<sup>3</sup>. Assim, esses dados brutos, que não poderão ser refinados aqui e só podem ser explicados à luz das tendências da formação socioeconômica, cultural e política do Brasil, leia-se: à luz do nosso capitalismo dependente, do escravismo, do patriarcalismo, do caráter autocrático, antidemocrático da burguesia e do Estado, da ausência de uma revolução burguesa clássica, das decisões pelo alto, enfim, das particularidades trazidas em vários dos artigos da coletânea, sinalizam a necessidade de, ao desvelar os fundamentos explicativos da chamada “questão social”, vislumbrarmos um campo de possibilidade de atuação para a profissão a partir de uma agenda de políticas públicas que demanda sua intervenção, na direção de realizar seus compromissos sociais, éticos, políticos, civilizatórios.

A obra também convoca as pós-graduações para que assumam a preocupação por gerar produções em que temas e abordagens possam dar centralidade à profissão na articulação entre seus eixos: fundamentos, formação e trabalho profissional.

Pela relevância e complexidade das questões apresentadas, fica evidenciada a incontornável necessidade de a profissão, ao priorizar o tema, induzir a pesquisa e a produção de conhecimento que visem responder suas particularidades, vez que somente a investigação pode nos demonstrar o tamanho dos nossos desafios. Fica explicitada, também, a necessidade de espaços, a exemplo do referido Seminário, que permitam dar centralidade a um tema de tamanha envergadura para a profissão.

Pela amplitude de temas e maneiras de abordá-los, também fica evidente que a coletânea interessa a pesquisadores, docentes e estudantes de áreas afins, intelectuais militantes e profissionais que atuam em diversas políticas sociais que fazem intersecção com as temáticas, pois, apesar de se constituir em indiscutível contribuição no/do campo do Serviço Social, a obra coletiva expressa a massa crítica de que as Ciências Sociais Aplicadas dispõe, indicando o estado da pesquisa na graduação e na pós-graduação, e, por isso, constitui-se em antídoto ao isolacionismo, ao negacionismo, ao anti-intelectualismo, ao irracionalismo das pós-verdades e das *fake news*. Sem dúvida, trata-se de inquestionável

---

<sup>2</sup><https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/03/22/ranking-do-saneamento-basico-veja-quais-sao-as-grandes-cidades-com-os-melhores-e-os-piores-servicos-do-pais.ghtml>

<sup>3</sup> Ver matéria completa em em: <https://www.poder360.com.br/brasil/populacao-de-rua-cresceu-38-de-2019-a-2022-diz-ipea/>. Acessado em 02/02/2023.

contribuição para subsidiar, teórica e operativamente, o debate e o trabalho profissional crítico e as lutas anticapitalistas e antiopressivas.

Parabéns as/aos autoras/es e organizadoras, por mostrarem nas linhas e entrelinhas que só a radicalidade crítica do pensamento e ação serão capazes de, como nos orienta Mészáros, “assegurar uma efetiva transição para uma sociedade socialista, na qual a humanidade possa encontrar a unidade que necessita para a sua *simples sobrevivência*”<sup>4</sup>.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2023.

Yolanda Guerra.

---

<sup>4</sup> MÉSZÁROS, István, op. cit.